

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES

Lucas Leal

lucaslealhistoria@gmail.com

Universidade Federal Fluminense Universidade
Federal Fluminense
Niterói – Rio de Janeiro

* Este capítulo foi publicado como artigo no XIII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES (CONAGES) em Campina Grande - PB (2018).

RESUMO: Este capítulo apresenta questões elaboradas para tese em Política Social, na Universidade Federal Fluminense (UFF) - linha de pesquisa Sujeitos Sociais e Proteção social. Fundamenta-se Política Social e Educação, problematizando desigualdade social e pobreza, sujeitos sociais e construção de identidade. Após levantar concepções referentes as mulheres e posteriormente sobre as negras cineastas, foi preciso entender masculinidades. A pesquisa efetuada integra atividades profissionais, de cineasta e docente, com a Educação em Direitos Humanos (EDH) e debate sobre Gênero(s) e igualdade social. Elaboraram-se investigações em experiências educacionais, destacando características da divisão social do trabalho a partir de uma divisão sexual. Pontua-se persistência do patriarcado, machismo e a existência do racismo epistêmico, influenciando na reprodução e construção de masculinidades e sujeitos sociais inseridos

em contextos de dominação masculina, fundamentando a importância dos feminismos. Para as experiências de ensino-aprendizagem selecionaram-se filmes, e material teórico discutindo Gênero(s) e igualdade nas escolas e Universidades, Diversidades sexuais, e questões étnico-raciais. Como metodologia explora-se análise comparativa de pesquisa-ação no Ensino Superior e no Ensino Médio-Técnico. Os resultados para *formação docente e de técnicos em Lazer* contemplam a perspectiva da existência de profissionais comprometidos eticamente com mudanças sociais, em contato com cinematografia que discute questões das mulheres e da população negra no Brasil. Conclui-se, através da pesquisa-ação, importância do cinema para educação como possibilidade formativa no atual contexto tecnológico, para os futuros professores e profissionais de Lazer, destacando surgimento da questão dos movimentos sociais na liderança das múltiplas possibilidades de resistências e enfrentamentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cinema; Gêneros; Feminismos; Masculinidades.

INTRODUÇÃO

Este capítulo do livro é a continuação da investigação teórico-prática para tese de

doutorado em Política social. Na pesquisa fundamentamos a investigação sobre os movimentos sociais, a relação com a Educação e o cinema, problematizando desigualdade social e pobreza, sujeitões sociais e construção de identidade.

Para recolhimento de dados e elaboração teórica, investigamos concepções teórica em relação as mulheres (FREITAS e GOMES, 2013); posteriormente sobre as cineastas (ACSELRAD, 2015; TEDESCO, 2016), até interligarmos as desigualdades de gênero e étnico-raciais discutidas em alguns autores (HERINGER, 2002; CAMPOS, 2015; SANTOS, 2016) com a manifestação da questão social identificada para tese: *a ausência de cineastas negras no Brasil*.

Com o decorrer da pesquisa, e pela necessidade da temática das mulheres e os movimentos sociais nos levar aos debates sobre feminismos (DINIZ, e FOLTRAN, 2004; GURGEL, 2014), feminismo negro (MALTA e OLIVEIRA, 2016), e ilustrando o campo acadêmico com novas categorias, como Gênero(s); desvelando investigações sobre masculinidades; optou-se investigar a temática tratada por autores (WELZER-LANG, 2001; ALVES, MEDRADO e LYRA, 2008; CAVENAGHI, 2012) partindo do autor da tese, levantando a temática durante atividade de pesquisa-ação (JORDÃO, 2004), ou seja, em sala de aula (PINSKY, 2010; CANO, 2012).

Enfatiza-se que a pesquisa efetuada integra atividades profissionais, de cineasta e docente, com a Educação em Direitos Humanos (EDH) (GODOY, 2007) e debate sobre Gênero(s)¹ e igualdade social (MELO, 2005; SANTOS, 2016). Seguindo a metodologia, elaboraram-se investigações em experiências educacionais (FRESQUET, 2009), destacando características na organização estrutural da sociedade a partir de uma divisão social do trabalho, associada a uma divisão sexual. Pontua-se persistência do patriarcado, machismo e a existência do *racismo epistêmico*, influenciando na reprodução e construção de masculinidades e sujeitos sociais inseridos em contextos de dominação masculina (BOURDIEU, 2002), fundamentando a importância dos feminismos.

Para as experiências de ensino-aprendizagem selecionaram-se filmes disponíveis no *youtube.com*, e material teórico discutindo Gênero(s) e igualdade nas escolas e Universidades, Diversidades sexuais, e questões étnico-raciais. Como metodologia explora-se análise comparativa de pesquisa-ação no Ensino superior e no Ensino Médio-Técnico. Os resultados para *formação docente e de técnicos em Lazer* contemplam: a) a perspectiva da existência de profissionais comprometidos eticamente com mudanças sociais; b) contato com cinematografia que discute questões das mulheres e da população negra no Brasil.

1 O conceito Gênero no plural é um conceito específico para metodologia da tese. Publicamos recentemente explicação sobre isso. O termo historicamente vem associado aos estudos LGBT e no senso comum são colocados como “coisa de gay”, causando certa resistência para o diálogo. Decidi na pesquisa experimentar usar no Plural, e aproximar o conceito para perspectiva múltipla, criando no imaginário dos alunos a ideia de “inclusão de todas e todos no debate”. Confessamos que o efeito foi positivo nas experiências, embora durante apresentação do artigo eu tenha sido questionado pela banca do *III Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Estudos de Gênero – ANPUH: políticas e identidades no século XXI* a ser realizado na Faculdade Nossa Senhora das Graças (FENSG/UPE), nos dias 20 e 21 de setembro de 2018. O diálogo foi compreensivo e por isso sempre buscamos explicar a escola da palavra “Gêneros”, sem uso do “()”.

Conclui-se, através dessa etapa de pesquisa-ação a importância do cinema para educação como possibilidade formativa no atual contexto tecnológico, tanto para os futuros professores, como para formação de profissionais de Lazer, destacando o surgimento da questão dos movimentos sociais na condução coletiva para as múltiplas possibilidades de resistências e enfrentamentos sociais nas sociedades pós-verdades (com o advento da internet e das *fake news*). Dessa forma, faz-se pertinente a mediação docente para conteúdos fílmicos disponíveis na internet, compreendo inclusive o atual cenário de ideologias político-partidárias no Brasil e das pautas tidas como progressistas.

METODOLOGIA

No primeiro ano de doutoramento (2016.2 e 2017.1) construímos referências sobre políticas sociais, questões de identidade e relações de gênero que se estabelecem no âmbito das sociedades modernas e implicam diferentes formas de compreensão social dos sujeitos sociais envolvidos. Buscamos encontrar questão atual no âmbito das divisões sociais do trabalho, que apresentam estrutura sexista, com características de racismo epistêmico. Associando as mulheres, o mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 1986.), como a cultura e a arte, constatamos a ausência de mulheres negras cineastas, importante questão para se discutir no âmbito dos movimentos sociais, da educação e claro, do cinema.²

O trecho acima representa início da metodologia, e o presente texto avança em questões tratadas no anterior, apontando como se deu o percurso da pesquisa-ação. Na tese temos elaboração de mais dados e fundamentações teóricas com base em revisões bibliográficas para cada campo dissertado. Acreditamos que a produção acadêmica significativa precisa dar ênfase as mudanças nos campos de investigações e por isso colocamos o processo como análise comparativa. É fundamental para pesquisa compreender sua própria trajetória. Iniciamos, portanto, no Ensino Superior (2017) e concluímos no Ensino Médio-Técnico(2019)³. As relações que poderíamos tecer são múltiplas, portanto, trazemos um apanhado da parte teórica da análise comparativa com base nas experiências com a metodologia em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O título do texto provoca perguntas e suscita interpretações para o leitor. Problematiza-se, de antemão, que a própria língua portuguesa masculiniza os temos plurais. No artigo, há fluxo duplo; eu como pesquisador; e vocês como leitores; repensarmos nossas identidades sociais de forma coletiva; e, tratarmos as sujeitões

2 Adaptado de fragmento do artigo que apresenta questão inicial da tese (2017) e caminhos metodológicos. https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA14_ID831_18062017191056.pdf

3 Agora em 2019 estamos fazendo uma análise crítica da agenda política do Plano Nacional de Cultura (PNC) (2005-2018), para entender a demanda de políticas públicas entorno da questão de gêneros e étnico-raciais, localizando ainda a atuação da Agência Nacional de Cinema (ANCINE).

através das possibilidades de enfrentamento das desigualdades. Argumentamos que a partir do esforço de entender o impacto da pobreza e da desigualdade social no Brasil, percebemos que as questões refletiam na ausência de mulheres PRETAS cineastas, por isso, o desafio de problematizar a temática na/para/com educação.

Salienta-se que o estudo inicial trouxe abordagem das desigualdades raciais no Brasil tomando base em uma síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. Heringer (2002, p. 57) parte do princípio de que as desigualdades raciais afetam a capacidade de inserção dos negros na sociedade, comprometendo o projeto democrático e de oportunidades iguais para todos. No estudo da tese aprofundamos dados e buscamos notas para a interpretação das desigualdades raciais na educação (VALVERDE e STOCCO, 2009); atualizando questões quando raça não é igual a gênero, teorias feministas e sub-representação política (CAMPOS, 2015).

Embora não seja mulher, nem homem negro, a questão foi importante para atuação docente em curso de graduação em Universidade Federal no Estado do Rio de Janeiro. Na Instituição o índice de PRETAS cada vez mais aumenta. Na atuação em curso Técnico em Lazer, tínhamos também maior parte do corpo discente composto por adolescentes negras e/ou pardas.

Comecei a investigação após entender que vivemos uma sociedade pautada em valores sexistas, racistas e misóginos. Mas, tenho tentado escrever e falar, que as constatações, no olhar da tese, não buscam a conformação das opressões e violências, pelo contrário, estou aqui em pleno processo de desconstrução, consciente dos meus privilégios e solidário com as oprimidas, tentando contextualizar para alunas e alunos que podemos construir uma sociedade mais igualitária, plural, respeitando as diversidades.

Busquei compreender as diferenças de perspectivas e levantar uma questão dos Direitos Humanos, na esfera da quarta geração de direitos: *o da cultura digital*, como o cinema se configura em projetos de baixo orçamento. A tese não quer apagar da consciência que a própria educação tem papel importante no sistema patriarcal em que estamos inseridos. Não quero esconder resquícios da educação racista que temos. Naturalizamos o medo da população em relação aos jovens negros nas ruas cotidianamente. Silenciamos e/ou nem discutimos a “solidão da mulher negra”; que é vista como objeto sexual, tanto por homens brancos, como por homens negros, fruto da “miscigenação passiva”; entendida melhor quando discutimos o “ser negro ou negra” no Brasil.

O tema surgiu de debates, reflexões, afinidades, possibilidade, sonhos e desejos. As questões apresentadas são sobre desigualdades, opressões, pobreza, injustiças estruturais, buscando não só apresentar, como combatê-las. Estou tentando responder a questão central da tese: *Compreender a ausência de mulheres negras cineastas através dos conceitos de Política Social*.

Para responder sobre a ausência de mulheres negras cineastas no Brasil, elaboramos estrutura teórico-metodológica e começamos sintetizar os objetivos

específicos. Queríamos entender as relações de dominação social, da desigual distribuição de renda, gerando pobreza extrema. Para isso foi preciso analisar questões sobre desigualdade social, de gênero(s), cor e etnias (no Brasil). Investigamos a relação entre sujeitos sociais, feminismos e construção de masculinidades nas redes sociais virtuais e em teorias do campo. Assim, conseguimos esquematizar a ideia do cinema como tema gerador e possibilidade de construção de discursos coletivos, desvelando as relações patriarcais, sexistas, machistas, homofóbicas, e, sobretudo, racistas.

Após estruturação teórica e metodológica para formação docente, com projetos de extensão universitária e de ensino, deslocamos as questões para formação de técnicos em Lazer, desenvolvendo a seguinte pergunta⁴: *Quais análises são possíveis de estabelecer na relação entre cinema, feminismo negro, movimentos sociais contemporâneos e experiências educacionais?*

O deslocamento da questão se deu meados de 2017.2 e começo do segundo ano de doutoramento. Por atuar como substituto tive que suspender a atividade por conta da volta do docente da disciplina. Portanto, apliquei a metodologia durante metade do semestre com os estudantes e não finalizamos as proposições da tese e tema da disciplina optativa/eletiva “Tópicos especiais em Ciências Sociais II: Cinema e Mulheres”; tampouco foi possível executar o primeiro (foram elaborados três cursos) curso de extensão “Cinema e mulheres: Penso, logo filme!”

Senti, por isso, necessidade de buscar novo campo de pesquisa – e a oportunidade prontamente apareceu quando aprovado em outro processo seletivo, para atuação docente em curso técnico de teatro, para alunos do Ensino Médio do Estado de Pernambuco (Mediotec-pronatec⁵). O curso iniciou em novembro 2017, com três meses de atraso, por conta disso, alguns inscritos não frequentaram, o que acarretou no fechamento do mesmo pelo MEC e realocação do docente (autor do artigo) para o curso técnico em Lazer, em outra instituição de ensino do Estado.

Do ponto de vista teórico-metodológico da pesquisa, a tese problematiza importância dos movimentos sociais para Política social; localizando os feminismos para debater uma questão social: “A ausência de mulheres negras cineastas no Brasil”. Após identificação da questão, começamos investigação traçando possibilidades da temática ser utilizada em sala de aula; o que nos levou associar Política social com Política educacional.

Chegamos ao primeiro espaço (campo) social onde começamos a investigação da tese por conta da atividade docente do autor da tese; o ensino superior, especificamente a formação docente; e cursos de extensão universitária (por ser uma temática trabalhada no mestrado). Já nessa Parte I⁶, tínhamos elaborado (como consta em artigo anterior) justificativa e proposições da tese, ou seja, para começar

4 Final de 2017.1 – primeiro ano de doutoramento.

5 <http://portal.mec.gov.br/mediotec>

6 Publicamos o passo a passo da investigação. Link: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA14_ID831_18062017191056.pdf

as atividades em sala problematizamos questões teóricas do campo, que tiveram que ser readaptadas no ensino médio/técnico (Parte II).

No Mediotec demos continuidade com análises sobre pobreza e desigualdade social; debate de gêneros (a questão das mulheres); e discriminações étnico-raciais; além da temática das diversidades sexuais; entretanto, ao invés de artigos, teses e dissertações, selecionamos autores que estavam disponíveis na biblioteca da escola. Para o tema encontramos o *Caderno da igualdade nas escolas: Gênero e educação* (Secretaria da Mulher-PE, 2014); *Cidadania em preto e Branco* (BENTO, 2006); *Diversidades Sexuais: Saúde e Prevenção nas escolas* (BRASIL, 2008); e *Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para implementação da Lei 10.639/2003 - Volumes 1 e 2* (SOUZA, 2011).

Os temas foram importantes e discutidos paralelamente com filmes, possibilitaram debates e reflexões acerca da temática. Neste momento, é importante lembrar a lista de filmes, embora no artigo não vamos dissertar sobre cada obra, e os debates em sala, o intuito será apenas informativo.

1	Noiva do cordeiro	https://www.youtube.com/watch?v=cvmj1horxso
2	As sementes	https://www.youtube.com/watch?v=cczcoccm-9q
3	Mulheres da terra	https://www.youtube.com/watch?v=fkiq69avnw
4	Severinas	https://www.youtube.com/watch?v=vt62puheabw
5	Entre mulheres	https://www.youtube.com/watch?v=kvjzb7bwgg0
6	Flores do campo	https://www.youtube.com/watch?v=ajleiqq-oo0&t=1s
7	Mulher olho de peixe	https://www.youtube.com/watch?v=0b96f2f5oug
8	Mulher do fim do mundo	https://www.youtube.com/watch?v=CEyExyGPjGs&t=5s
9	Mulheres negras no cinema nacional	https://www.youtube.com/watch?v=oqoiz4fp5bc
10	O dia de Jerusa	https://www.youtube.com/watch?v=0ry3pkrcpiq
11	Esperanças - eu, mulher negra.	https://www.youtube.com/watch?v=lebhrbycdd4
12	Amor maldito (de Adélia Sampaio (primeira diretora negra do Brasil)	https://www.youtube.com/watch?v=xucurbdevue
13	Uma jornada na busca por identidade e propósito Juliana Luna tedxuerj	https://www.youtube.com/watch?v=yyshsrxnn_e
14	Irmã	https://www.youtube.com/watch?v=8prym0srqjy
15	Brasil: uma história inconveniente	https://www.youtube.com/watch?v=exvkr4jigdk
16	A mulher no cinema episódio	https://www.youtube.com/watch?v=jpap4pycds8
17	Machismo - treta #36	https://www.youtube.com/watch?v=9-vj03kmb5m
18	Feminismo radical - treta #34	https://www.youtube.com/watch?v=wemxp0wkugy
19	Feminismo e a mulher no Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=xqy6q9ogvae
20	Negro ou preto? #depretas	https://www.youtube.com/watch?v=xxzccqpfuk
21	Nabby Clifford - negro ou preto?	https://www.youtube.com/watch?v=zd4jaaed7jy

22	Vista minha pele	https://www.youtube.com/watch?v=lwbodkwuhcm
23	Tia Ciata	Não está online por exigência dos festivais
24	Bixa Preta	https://www.youtube.com/watch?v=0u-HTPRGRVE
25	Da minha pele (apenas o trailer online)	https://www.youtube.com/watch?v=TQvuC0iNbR4
26	Kbela	https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE

Tabela/lista de filmes utilizados nas experiências (elaboração própria)⁷:

Adianto que para pesquisa, os movimentos sociais (identitários) são possibilidades de enfrentamentos reais dentro do atual sistema capitalista democrático e opressivo. Em sociedades democráticas os direitos são pautados no *bem-estar* da população; e que todo cidadão é livre para expressar pensamento político e manifestações de insatisfações sobre o sistema. Entretanto, este modelo de entendimento da sociedade vem pautado em valores eurocêntricos da burguesia, à luz da Revolução Francesa. No Brasil, essa concepção parece distante da realidade do povo, inclusive com o atual governo federal buscando criminalizar essas pautas, tidas como progressistas em uma sociedade conservadora.

Entender os feminismos⁸ no Brasil é fundamental para pesquisa, eles dão origem aos debates sobre gênero(s) e posteriormente sobre masculinidades. Fomos levados a pensar os movimentos feministas a partir do seu questionamento e modificação na construção de identidade dos sujeitos na atualidade. A partir deles, do ponto de vista histórico, surge o que passou a ser conhecido como política de identidade, surgindo uma identidade para cada movimento, inclusive dentro do próprio feminismo; ou vertentes do feminismo⁹. De qualquer modo, discutimos que os feminismos perpassam diversas áreas da vida social, e abrimos leque importante para contestação política. Com eles surgem novas formas de pesquisas e parâmetros para vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, e etc.

Para as discentes do ensino superior, nas falas, era possível perceber como o feminismo influenciou a vida delas, em amplos sentidos. Segundo relatos em sala e filmados, a vida da mulher é alterada quando toma conhecimento de novas perspectivas sobre o que ela pode escolher. A maioria já estava em grupos sociais feministas, e compreendiam pautas e questões até então silenciadas em suas vidas, como a própria sexualidade. Desconstrói-se, nesses grupos, qual é o papel da mulher,

7 Para achar o filme copie o nome com o link e cole na WWW. Só clicar no link não abre. Alguns links eventualmente podem sair do ar. Fa parte da dinâmica no youtube.com. Essa tabela foi atualizada a partir da tabela que consta no capítulo 19 do Vol. 2 da presente coleção. Achamos importante recolocá-la neste capítulo. Link <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/01/E-book-Sexualidade-e-Rela%C3%A7%C3%B5es-de-G%C3%AAnero-2.pdf>

8 Ver também: <https://www.geledes.org.br/movimentos-feministas-e-busca-da-igualdade/>

9 <https://www.geledes.org.br/qual-e-o-seu-feminismo-conheca-as-principais-vertentes-do-movimento/>

em muitos contextos vistas somente como *ser reprodutora*, e as colocam diante do papel da mulher na participação da sociedade em suas diversas esferas, inclusive política.

Ao longo da história, a luta feminista vem conquistando espaços para mulher, como por exemplo, ocupar determinados cargos no mercado de trabalho, espaço até então somente masculino. E é nesse momento que todos os movimentos minoritários passam a ter novas pautas de reivindicação e um novo modelo de organização. Essas mudanças provocam efeitos na construção da identidade dos indivíduos, cada vez mais fragmentados (HALL, 2005).

Do ponto de vista da tese, feminismo é além de um tema, uma questão, um movimento político, um pensamento filosófico, protagonizado pelas mulheres, que vem transformando a sociedade há mais de 200 anos. A palavra feminismo é de origem francesa, *feminisme*, cujo primeiro registro escrito conhecido data de 1837, na França. O termo feminista, por sua vez, é relativo ao feminismo. É também de origem francesa, *féministe*, e o seu primeiro registro escrito e conhecido data de 1872 (Secretaria da Mulher-PE, 2014).

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), também nos oferece algumas formulações para explicar o significado do termo feminismo, dentre elas as seguintes:

“Feminismo é a doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade”; “Feminismo o movimento que milita neste sentido”; “Feminismo é a teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos”; “Feminismo é a atividade organizada em favor dos direitos e interesses das mulheres (IN_Secretaria da Mulher-PE, 2014, p. 23).

Embora seja considerado em seu contexto histórico e na perspectiva teórica de movimento social, no campo acadêmico, o movimento acaba por gerar novas perspectivas para pesquisa:

As discussões sobre a condição feminina, tomando o recorte do Brasil ditadura e pós-ditadura, situam-se nos espaços de militância, e consolidam-se na academia. Núcleos de estudos sobre as mulheres são criados em diversas Universidades no país. Ainda na década de 80, os estudos feministas começam a lidar com a noção relacional de gênero, que passava a discutir as desigualdades entre homens e mulheres desde uma perspectiva do poder nas relações. E, é após a inserção do campo de estudos sobre gênero, que surgem os primeiros trabalhos inseridos em uma temática que seria chamada por muitos/as pesquisadores/as da época de "estudos sobre masculinidades" (ADRIÃO, 2005).

Como nossa questão aqui trata também de uma pesquisa-ação em sala de aula achamos importante estabelecer análise relacional (gênero, mulheres, e masculinidades), não enfatizando nem homens, nem mulheres. Apesar da escolha, percebemos que as perspectivas femininas na nossa sociedade atravessam questões

do cotidiano. Para despertar a revelação das questões, salientamos a importância do feminismo, e no caso da tese, o feminismo negro (SANTOS, 2016).

Um aspecto relevante ainda é a categoria Patriarcado e patri(viri)arcado (SILVA, 2017); onde discutimos o machismo e suas múltiplas sutilezas na sociedade, inclusive no discurso sobre estética corporal, e de cabelos, por exemplo. Outra temática é a cultura do estupro; onde precisamos urgentemente inserir nossos jovens alunos no debate. Em muitos momentos da experiência os estudantes conseguiram perceber privilégios sociais a partir das identidades, de gênero, de sexualidade e étnico-raciais¹⁰. Diante dessas questões, foi preciso investigar também masculinidades (e a minha própria construção subjetiva).

Na construção de masculinidades, o trabalho de Daniel WELZER-LANG (2001) *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias* reporta importantes temas sociais. A partir de definições de homofobia e de heterossexismo, o artigo explora a profundidade heurística das relações sociais de sexo, transversais ao conjunto de pessoas e grupos de gênero, no interior de um quadro teórico que rompe com definições naturalistas e/ ou essencialistas sobre os homens. O texto analisa os esquemas, o *habitus*, o ideal viril, homofóbico e heterossexual que constroem e fortalecem a identidade e a dominação masculina. Para desenvolver argumentos, o autor faz revisão bibliográfica da literatura feminista francesa contemporânea.

Para ele, o paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dispondo privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens *tentados*, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade. (WELZER-LANG, 2001, p. 465). E é dessa forma “padrão” do que é ser homem que também se elabora o “padrão” do que é ser mulher.

Medrado e Lyra (2008) no artigo *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades* apresentam marco conceitual de gênero, a partir de uma matriz que dialoga com produções feministas e se organiza em quatro eixos: 1) o sistema sexo/gênero; 2) a dimensão relacional; 3) as marcações de poder; e 4) a ruptura da tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais. Dialogam com produções que adotam “gênero” como categoria analítica e se baseiam em referenciais teóricos distintos, mas têm em comum (e se autodefinem a partir de) uma perspectiva feminista crítica. A partir dessa matriz, traz-se uma análise dos estudos sobre os homens e masculinidades

¹⁰ Talvez exemplo dessa questão esteja em falas e textos de uma ex-aluna da UFF, africana, negra. Certa aula um aluno (negro/pardo) falou que não via necessidade das cotas e que não se considerava negro, nem via a importância do movimento. Ela tratou de contar uma bela “História da formação social do povo brasileiro” – embora não o tenha convencido, me deixou entusiasmado com o discurso da mesma. Sim, nossa formação de povo foi pautada na escravidão da população negra e da exploração sexual das mulheres negras. O que fundamenta a existência das pautas dos movimentos.

no campo da saúde, sexualidade e reprodução, destacando a necessidade de abrir espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico e crítico das leituras feministas.

Nas pesquisas, encontramos o debate sobre as relações de poder, que inscrevem as relações históricas de masculinidades e feminilidades em nossa cultura. Masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação que orientam valores e práticas sociais de homens e mulheres (MEDRADO E LYRA, 2008, p.822). Consequentemente os debates sobre a dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminino não possui autoria única, há muitos, incluindo homens, mídia, educação, religião, mulheres e as próprias políticas públicas. Dessa forma, os autores partem da ideia de que o poder coletivo, que reforça privilégios masculinos, “não é construído apenas nas formas como os homens interiorizam, individualizam e o reforçam, mas também nas instituições sociais” (idem, p.826).

Assim, para eles:

Diante dessa análise crítica sobre o ‘estado da arte’ de estudos e pesquisas sobre homens e masculinidades, especialmente no contexto da sexualidade e reprodução, ratificamos que é preciso romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas... que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva. Apostamos na necessidade de abriremos espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico e crítico das leituras feministas (idem, p. 833).

A discussão de masculinidades para pesquisa é compreendida via importância do feminismo, das categorias mulher e Gênero como pesquisa acadêmica; demonstrando a teia complexa em que os sujeitos sociais estão envolvidos quando diz respeito à identidade, de gênero, de orientação sexual; tentando romper o binarismo homem/mulher que ainda permeiam os discursos, inclusive no interior dos movimentos sociais de identidade.

Como dito, deslocamos o tema da formação docente e das experiências com a extensão, chegando a Parte II: Ensino Técnico no Estado de Pernambuco. Por isso é preciso entender a Política do MEC com o Mediotec/Pronatec¹¹ e a relação da proposta com as escolas técnicas (DUTRA, 2014) em tempo integral no referido Estado. Foi necessário mudar a linguagem em sala; por conta da mudança do público alvo; e pela percepção de que alguns temas ainda eram de total desconhecimento do alunado; principalmente inexperiência em atividades sexuais; e presença de alunado religioso; distinto da comunidade LGBTQI+ presente na Universidade Federal – com envolvimento em política e movimentos sociais de forma intensa e engajada.

A parte final da tese seguirá a partir da análise comparativa das diferenças

11 Link para inscrição em cursos técnicos - essa inscrição serve de mapeamento para oferta dos cursos, precisa de demanda de inscrição na localidade. <http://spp.mec.gov.br/cadastro-online/meu-cadastro>

encontradas nos espaços sociais, discutindo a mesma questão social, inserindo análises de políticas públicas de cultura. É preciso bastante atenção para não tratar das questões de forma maniqueísta, nem contagiado como docente “militante”; tampouco também, a análise pretende se apresentar como um fim para questão. A investigação nos campos, com base nos depoimentos filmados e escritos, do ponto de vista das subjetividades, foram pontos de partida para mudanças nas práticas pedagógicas e observação das possibilidades da Política Social em interlocução com outras políticas, como a política educacional e cultural, inserindo a questão da *intersectorialidade*¹² em políticas públicas.

No caso da experiência na graduação, a disciplina “Cinema e mulheres” foi um pedido do próprio departamento de Ciências Humanas depois de conhecimento da pesquisa; entrando no currículo como “Tópicos Especiais em Ciências Sociais II”¹³; ou seja, inserido em uma política educacional do ensino superior com perspectiva autônoma (LEMOS, 2011). Construir todo caminho teórico-metodológico e inserir o debate na formação docente, pois o campus tem majoritariamente cursos de licenciatura¹⁴. Também elaborei cursos de extensão que seriam usados como campo de pesquisa.

No caso da escola técnica em tempo integral do estado de Pernambuco, a política *intersectorial* em redes de cooperação é fundamental. Vincula-se a ideia de expansão educacional e aumento da qualificação profissional de jovens, promovida e financiada pelo MEC e implantada em parceria com entes estaduais, que fornecem estrutura física. Nesse caso, novamente a autonomia docente permitiu atividades docentes com cinema, na disciplina “*Lazer, corpo e sociedade*” no curso técnico de Lazer; que me permitiu ainda, problematizar a metodologia da disciplina “cinema e mulheres” iniciada e interrompida na metade de 2017.2 no Ensino Superior.

Com a mudança do espaço social para investigação acadêmica, ampliamos o público-alvo e as questões que foram debatidas sofreram deslocamentos. Pontuam-se as diferenças de forma analítica comparativa, pois, uma perspectiva é trabalhar o tema na formação docente e na extensão universitária em uma Universidade Federal, outra perspectiva é trabalhar a temática com futuros profissionais técnicos em lazer, que em geral são ainda estudantes do ensino médio público estadual. A temática para o Mediotec foi uma abordagem adaptada das proposições para o ensino superior, utilizamos livros elaborados para esse público, diferente da graduação, onde optamos por textos acadêmicos, artigos, dissertações, teses e livros mais densos como leitura indicada.

12 Debatermos melhor o conceito no artigo *PLANO NACIONAL DE CULTURA, CINEMA E A INTERSECTORIALIDADE NAS POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL*, apresentado no X Seminário Internacional de Políticas Culturais, organizado pelo Setor de Pesquisa em Políticas Culturais e pela Cátedra Unesco em Políticas Culturais e Gestão-FCRB e realizado entre 06 e 09 de maio de 2019 na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

13 Essa numeração no final aconteceu para que, os discentes que cursaram Ciências Sociais I, pudessem se inscrever sem chocar no sistema.

14 Exceto Bacharelado em Matemática.

Os comentários dos discentes, nas experiências educacionais, foram positivos. Embora em algumas aulas, principalmente no começo da experiência no curso técnico de lazer, os discentes não tivessem contato com filmes documentários, chegando até indagar se aquelas cinematografias eram filmes “de verdade”. Em geral, para eles, filmes são aqueles que passam na TV Globo, grande maioria de Hollywood – com muita ação e imagens rápidas – ou seja, houve estranhamento estético.

As pesquisas demonstraram necessidade de se elaborar levantamento das políticas culturais associando com política social e educacional (*intersectoriedade*). Na tese investigamos caminhos teóricos para entender questões socioeconômicas e políticas que resultam na ausência das mulheres cineastas. Desvelamos existência do *racismo epistêmico*, por isso compreendemos a importância dos feminismos para enfrentamentos sociais, destacando o feminismo negro, na esfera dos movimentos sociais contemporâneos. Construí argumentos sobre a dominação masculina na tentativa de estabelecer uma *matriz feminista* em estudos de gêneros, homens e masculinidades, dada minha identidade social (Homem, branco).

Argumenta-se que no Brasil as desigualdades apresentam questões de gênero, cor e etnias; revestindo a sociedade de relações patriarcais, sexistas, machistas, homofóbicas, e, sobretudo, racistas. Na tese levantamos inúmeras questões sociológicas e políticas teoricamente, entretanto, todo caminho é construído em interlocução com políticas sociais, culturais e educacionais, pensando na atuação docente em Instituições públicas, Universidades Federais, e as Escolas Técnicas Estaduais.

Do ponto de vista do audiovisual, Maria Aparecida Silva Bento (2006), em seu livro *Cidadania em Preto e Branco*, coloca que os meios de comunicação estimulam o preconceito. Destaca que há poucos negros como protagonistas. Dados da ANCINE (2016) e o estudo do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMMA), um núcleo de pesquisa com inscrição no CNPq e sede no IESP-UERJ (2017) confirma e atualiza dados.

A pesquisa de campo da tese começou em 2017.1 quando comecei atuar como professor substituto na UFF-Pádua, departamento de Ciência Humanas, área de concentração, *Fundamentos da Educação*. Elaborei atividades de ensino com cinema, discutindo a temática da tese. Como dito, em 2017.2 comecei a aplicar o tema na disciplina “Cinema e mulheres”; entretanto, tive que parar o processo na metade, com a volta do docente efetivo (de forma inesperada).

Acabei voltando para Pernambuco e comecei aplicar o projeto no curso técnico de lazer, em escola integral do Estado. Encontrei tanto na Política educacional das Universidades federais, quanto das Escolas Técnicas em tempo integral, possibilidades para inserir a temática sobre as mulheres no cinema. Para conclusão da tese, agora, vamos mapear políticas culturais e como a questão vem sendo discutida em todas as esferas da sociedade, inclusive nos *mercados de bens simbólicos*, como cultura e arte. Neste sentido, a tese vem encontrando força justamente na *intersectoriedade* das

políticas, ou seja, o diálogo da gestão pública entre as áreas sociais, como Política social, cultural e educacional.

As pesquisas levaram a pensar questões culturais com os direitos humanos e na possibilidade de encontrar caminhos e mecanismos para diminuição das extremas desigualdades sociais, oriundas do próprio sistema socioeconômico (essa é uma hipótese). Traçando caminhos antropológicos, históricos, filosóficos e, sobretudo, sociológicos, acesso à cultura aparece como possibilidade de mudanças de realidades – que encontra na política até 2018, espaço para questões dos movimentos sociais. São essas formas de reivindicações sociais, que se ampliam em contextos específicos, mesmo quando partindo de uma base macrossocial, como por exemplo, a pobreza e a desigualdade social.

Este artigo prepara fundamentação teórico-metodológica para fase final da tese, construção da análise comparativa entre os campos sociais (Ensino Superior e Ensino Médio Técnico Estadual, entretanto, com verba federal, Mediotec-Pronatec) – vinculando uma questão social identificada: “a ausência de mulheres negras cineastas no Brasil”.

Na pesquisa da tese analisam-se como as políticas se relacionam; sejam elas sociais, educacionais ou culturais; e como podem ser influenciadas por debates dos movimentos sociais e da sociedade civil; influenciando em políticas (culturais) específicas e focalizadas. Estou instigado a problematizar a questão não somente compreendendo a Política puramente e como ela se constitui formalmente; mas, por exemplo; em uma análise mais profunda, no caso da tese, como enquanto educador é possível inserir em sala a questão da ausência de mulheres negras cineastas, apoiado na autonomia docente de forma perpendicular com a ementa, que se apoia na Política educacional.

A pedido da Secretaria Profissional do Estado de Pernambuco¹⁵ elaborei e estou aplicando a metodologia da tese em curso de teatro-cinema para os alunos do Ensino Médio da escola onde funciona o curso de Lazer; esses alunos são do curso integral com ensino médio e técnico em “Logística” ou “Redes de computadores”. Salienta-se que os alunos do Técnico em Lazer estão nas modalidades *subsequente* e *integral externo*, ou seja, são alunos de outra escola do Estado ou que concluíram em 2017 o ensino médio.

Os resultados para *formação docente e de técnicos em Lazer* contemplam: a) a perspectiva da existência de profissionais comprometidos eticamente com mudanças sociais; b) contato com cinematografia que discute questões das mulheres, e da população negra no Brasil. Tanto no ensino superior, como no ensino médio-técnico, a recepção do alunado com a temática foi intensa. Algumas indagações iniciais são comuns, sobretudo, o interesse de um professor homem, branco, investigando questões das mulheres, negras; e como seriam as aulas com cinema a partir de um tema social.

Na graduação os discentes possuem maior contato com o tema dos

15 <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=71>

movimentos sociais e já percebem claramente a importância na formação docente. No ensino técnico destaco que houve muita surpresa com depoimentos de múltiplas experiências femininas através do cinema; os filmes tocaram os discentes em todas as experiências. Pudemos, na graduação, trazer mais questões sobre história do cinema e a questão do uso de tecnologia da formação de professores; debate que me parece ainda profundo para os alunos do médio-técnico; embora de certa forma, durante as aulas, inserimos esse debate também. Portanto, as experiências com o tema nos proporcionam reflexões do ponto de vista da formação de identidades sociais, tema relevante para jovens, futuros docentes e profissionais de lazer.

Após pouco mais de 2 anos de um governo ilegítimo (2016-2018) e que por isso não tinha força popular para modificar as pautas progressistas conquistadas, em 2019 com a mudança drástica de visão social por parte do governo federal, vivemos incertezas em relação a temática discutida nesse capítulo do livro. Para além de ideologias, militâncias, teorias e conceitos, as experiências demonstraram potencial didático e social. Porém, as eleições em 2018 foram marcadas por disputas bem extremas, e a “Era da pós-verdade” se tornou forma de propaganda político-partidária. O Brasil está rachado.

Como docente idealizador de conceitos tratados na tese e da metodologia experienciada, sinto-me em uma famosa cena do Filme Cidade de Deus (2002), quando o personagem “Buscapé” (O fotógrafo) se vê encurralado em uma rua entre “Policiais e Bandidos”, e nesse momento que vos escrevo, gostaria de dizer que no Brasil, não conseguimos identificar quem são os policiais e quem são os bandidos. Na mídia os bandidos sempre são Negros. Na política parlamentarista, os criminosos em geral são Brancos. E pulverizamos os debates de gêneros e sexualidades e as questões étnico-raciais, renomeados no senso comum (e em falas de representantes oficiais do governo, incluindo o Presidente da República) de “mimimi”, “vitimismo” e “balbúrdia”.

Para o autor do capítulo, professor, artista e pesquisador, as previsões não são as melhores. O texto inclusive pode incorrer no risco de ser aquilo que disse não pretender, ou seja, maniqueísta. Porém, após 2018, tudo que li, ouvi, e vivi, me fez tomar a decisão de um posicionamento mais claro e explícito, de resistência em relação a guinada para “extrema direita liberal” que o Brasil foi levado. Ainda não foi possível na pesquisa desenvolver análises profundas em relação as *Fake News*. Mas fica o “alerta” da sociedade pós-verdade.

Para onde vamos? Que tipo de jovens e adultos queremos, quando colocamos crianças para defender o armamento da população? Para um docente, ver um presidente incentivar uma criança a fazer de simulação de uma arma de fogo letal com seus dedos, como forma de propaganda de política governamental, não é interessante. Não fazia parte da história que eu gostaria de viver. Sou da geração década de 1980, filho de uma sociedade transitória, de uma ditadura militar para democracia. Educado por uma mulher sindicalista.

Essa pesquisa e esse texto é um respiro para o autor, uma possibilidade de ser lido e debatido. *Será que teremos ainda políticas culturais para as questões da tese? Será que agora entendemos a importância dos movimentos sociais e das pautas progressistas? Será essa uma pesquisa acadêmica ou militante? São muitas perguntas e muitas angústias. A pergunta que coloco em sala para os estudantes cada vez mais é importante: “Quem sou eu na minha própria história de vida?”*

Concluo diferente de *Voltaire*, porque além de discordar de coisas que são ditas pela extrema direita, jamais morreria pelo *direito* de falarem. Eu talvez morreria pelo *dever* de não colocarem seus discursos discriminatórios como política governamental. Não me sinto em uma democracia e sim em uma ditadura disfarçada. Os corpos estão além de proibidos de se manifestarem, criminalizados nas Instituições públicas. Nas redes sociais virtuais, “a terra da pós-verdade”, os direitos sociais e pautas dos movimentos sociais são “atacados”. As reações são pouco dialógicas, mas são em si dialéticas, apontam contradições no interior das sociedades “democráticas” contemporâneas. Seguiremos atentos as questões político-sociais, e principalmente, as virtuais.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio. **A teoria feminista vai ao cinema: configurações e reconfigurações do feminino na tela.** Revista Vozes & Diálogos; Itajaí, 2015, v.14, n.1, jan./jun.

ADRIÃO, Karla Galvão. **Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: Revisitando o campo.** Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia. UTFPR, v. 1, n. 3, 2005

ALVES, J.E.D.; CAVENAGHI, S.M.,. **Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil.** Mediações, 2012, v.17 (2). pp.83-105.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e Branco.** São Paulo: Ática, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O mercado de bens simbólicos.** São Paulo, Ed: Perspectiva, 1986.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** São Paulo: Papius, 1996.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diversidades Sexuais: Saúde e Prevenção nas escolas.** Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Brasil: Ministério da Saúde, 2008.

CANDIDO, Marcia Rangel; MARTINS, Cleissa Regina. **Perfil do Cinema Brasileiro (1995-2016).** Boletim GEMAA, n.1, 2017.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto & FERES JÚNIOR, João. **“A Cara do Cinema Nacional”: gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014).** Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n.13, 2016, pp.1-20.

CANDIDO, Marcia Rangel; Moratelli, Gabriela; Daflon, Verônica Toste; Feres Júnior, João. **“A Cara do Cinema Nacional”: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)**. Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n.6, 2014, p. 1-25.

CAMPOS, L.A. **Quando raça não é igual a gênero: teóricas feministas e sub-representação dos negros na política brasileira**. São Paulo: Alameda, 2015.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Org.). **A reflexão e a prática no ensino**. São Paulo. Blucher, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. SP: Paz e Terra, 1999, p. 17-28 e 93-96 e 169-285.

COMERLATTO, Dunia, et al. **Gestão de políticas públicas e intersetorialidade: diálogo e construções essenciais para os conselhos municipais**. Rev. katálysis. 2007, v.10, n.2, pp.265-271.

CORREA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

DUTRA, Paulo F.V., **Educação integral no estado de Pernambuco: Uma política pública para o ensino médio**. Recife Editora UFPE, 2014.

DINIZ, Debora e FOLTRAN, Paula. **Gênero e feminismo no Brasil uma análise da revista estudos feministas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004.

FREITAS, A.M.L.; GOMES, P.I.J., **Desigualdades de gênero, renda e pobreza no Brasil**. Unimontes, 2013.

FRESQUET, Adriana Mabel (Org.). **Aprender com experiências do cinema: Desaprender com imagens da educação**. Rio de Janeiro: Ed. BOOKLINK-CIENAD/LISE/UFRJ, 2009.

GODOY, Rosa Maria Silveira (org). **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

GURGEL, Telma. **Feminismos no Brasil contemporâneo: apontamentos críticos e desafios organizativos**. Temporalis, Brasília (DF), ano 14, n. 27, jan./jun. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Editora DP&A, 2005.

HERINGER, R, **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. Saúde Coletiva, 2002, v.18, pp.57-65.

JORDÃO, R. S. . **A pesquisa-ação na formação inicial de professores: elementos para a reflexão**. In: 27ª Reunião anual da Anped, *Caxambu. Sociedade, democracia e educação: qual universidade?*, 2004.

LEAL, Lucas. **Animação Cultural e Cinema na Extensão Universitária: Um Estudo de Caso no Projeto Universidade das Quebradas (UFRJ)**. 165 f.; Orientador: Diógenes Pinheiro. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2013. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B-sE2Ar37CoNQjI3NS1LcDaxTkU/edit>

LEMOS, Denise. **Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. 01, p. 105-120, 2011.

MALTA, Renata B.; OLIVEIRA, Laila T.B. de. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual**. Revista GÊNERO, Niterói, v.16, n.2 (p. 55 – 69) 1.sem. 2016.

- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. Rev. Estudos Feministas, ano 14, 2008.
- MELO, H.P. **Gênero e pobreza no Brasil. Relatório Final do Projeto Governabilidade Democrática de Gênero em América Latina y el Caribe**. Brasília: CEPAL, SPM., 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**, São Paulo: Ed. 34, 2008.
- PINSKY, J. (Org.) **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROCHA, S.,. **Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?** Rio de Janeiro: FGV. Caps. 1 e 2, 2003.
- SANTOS, M. P. dos. **Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário**. Revista Extensão universitária: compromisso social – Vol 6. , Ponta Grossa, 2006.
- SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. **Os estudos feministas e o racismo epistêmico**. Revista GÊNERO, Niterói, v.16, n.2 (p. 7 – 32) 1.sem. 2016.
- SANTOS, Sônia Beatriz dos. **As ONGs de mulheres negras no Brasil**. Rev. Soc. e Cult., Goiânia, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2009.
- SILVA, Glauber Lucas Ceara. **Corpos penetrantes e masculinidades: um estudo crítico às práticas patri(viri)arçais**. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Escola de Serviço Social, 2017.
- SOARES, C.,. **O desenvolvimento social e o empoderamento econômico das mulheres no Brasil: uma análise a partir de índices sintéticos**. Adenauer, 2013.
- SOUZA, Edileuza Penha de. **Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para implementação da Lei 10.639/2003 – (1 e 2)**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Da esfera privada à realização cinematográfica: a chegada das mulheres latino-americanas ao posto de diretoras de cinema**. EXTRAPRENSA (USP) – Ano VI – nº 10 – junho/2012.
- VALVERDE, D.O.; STOCCO, L.. **Notas para a interpretação das desigualdades raciais na educação**. Estudos Feministas, 2009, v.17 (3). pp. 909-920.
- WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias**. Rev. Estudos Feministas, ano 9, 2001.
- YAZBEK, M.C.,. **Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento**. Serviço Social e Sociedade, 2012, v.110, pp.288-322.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

